

RELAÇÃO ENTRE SABERES

José Ernande Mendes

INTRODUÇÃO

“... o que os indivíduos são, depende das condições materiais da sua produção”.¹ Marx ao fazer esta afirmação num embate incansável com os ideólogos alemães de seu tempo que, segundo ele, nem se perguntavam sobre a “interconexão da filosofia alemã com a realidade efetiva alemã”, tinha a pretensão de mostrar que as idéias e representações que têm do mundo estão intrinsecamente vinculadas às relações sociais em que se encontram inseridas. Isto não significa que elas sejam um mero reflexo de tais relações, mas que a sua materialidade só é possível em determinadas condições históricas.

Os diversos estágios da divisão do trabalho, seja ela tribal, escravocrata, feudal, capitalista ou socialista, não só definem o tipo de propriedade como também determinam as relações que os homens mantêm entre si e com a natureza.

Nós, portanto, sobreviventes de um mundo cada vez mais excludente e monopolista, carregamos conosco as marcas e mazelas dos homens gestados na relação capital-trabalho. Trazemos nas nossas idéias, comportamentos, culturas e práticas sociais, elementos de uma visão fragmentada, preconceituosa e deformada a respeito de diversos fenômenos que nos cercam.

A expropriação da qual são vítimas as classes trabalhadoras está presente em todas as dimensões da vida. Além da apropriação do produto do trabalho e do saber no processo de

1. Marx, Karl e Friedrich Engels, (HISTÓRIA). A Ideologia Alemã. Em Fernandes, Florestan (ORG.). Marx-Engels 2 ed. São Paulo. Ática. 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais) p. 187.

trabalho, a burguesia age de forma a impedir que os explorados reconheçam a fundo a sua situação de classe. A ideologia² bastante difundida procura obstaculizar uma compreensão de tudo o que acontece ao nosso redor, fazendo-nos crer que as diversas relações sociais estão perfeitamente dentro de um processo de normalidade.

O capital, contudo, não consegue solucionar os conflitos de classe que ele mesmo provoca. Em meio às ervas daninhas de uma formação de homens unilaterais, nascem as flores do "bom senso" que bem germinadas com o conhecimento científico, possibilitam aos "mau-cheirosos", resistirem. Os alienados do trabalho e exploração da vida encontram modos diversos de criar organizações que os representem, que os coloquem de forma unitária, primeiro contra as condições de vida e de trabalho e posteriormente contra todo o sistema responsável pela exclusão da grande maioria, os que trabalham e constroem as riquezas. Desta forma, as classes subalternas encontram no capitalismo, que as massacram abertamente e camufladamente por sua ideologia, as condições de se gestarem como classes revolucionárias, interessadas em pôr fim a toda e qualquer forma de exploração.

É nas lutas de classes que os dominados, apesar da burguesia, conseguem construir os instrumentos necessários à formação de um bloco histórico, sob a direção do proletariado. Esta construção que se dá num processo de luta pela hegemonia da sociedade é a educação necessária à formação da consciência de classe; constituída pela integração do saber popular, saber científico e da ideologia proletária. Contudo, é nas lutas entre classes contraditórias que os homens pertencentes a classes diferentes se formam. A formação dos homens é, portanto, a educação que se dá nas diversas práticas sociais (econômicas, políticas, culturais, científicas, reli-

2. Ao utilizarmos a categoria Ideologia neste parágrafo, temos presente a identificação com as idéias das classes dominantes que, buscando assegurar os seus interesses, sobretudo econômicos, procuram ocultar a verdade das contradições existentes na sociedade capitalista. Marx expressa bem esta compreensão em "A Ideologia Alemã". Contudo, compartilho com os argumentos levantados por Lênin (1980; p. 398) e Gramsci (1978; p. 62) de que também se possa atribuir ao conceito ideologia a perspectiva das classes dominadas que lutam contra a reprodução capitalista e pela emancipação política dos oprimidos.

giosas, etc.) em relações sociais determinadas, em que interesses de classes e ou grupos estão presentes, implícita ou explicitamente.

A PRÁTICA SOCIAL COMO FONTE DE SABER

Considerando a educação como um processo em que os homens se formam mediante práticas sociais que se dão em relações entre classes antagônicas, pode-se deduzir que educação é produção, elaboração e apropriação do saber por classes diferentes e opostas. Isto significa que a educação não pode ser pensada independentemente dos interesses de classes, nem do conjunto de conhecimentos, valores, concepções e práticas produzidas por elas.

Este saber que as classes produzem na sua prática cotidiana: no trabalho, nas relações sociais, na socialização das culturas, nas lutas diversas, deve ser, pois, o ponto de partida de todo conhecimento interessado na socialização do saber como arma na luta contra as diversas formas de exploração e dominação.

Não obstante a importância deste saber social como instrumento de luta, não se pode deixar de reconhecer o seu caráter parcial. Pois, somente a partir deste reconhecimento pode ser possível estruturar um tipo de saber que permita uma aproximação infinita com a realidade. Havendo, portanto, neste percurso, uma negação do saber anterior. Todavia, esta negação se expressa, não pelo desprezo ao saber social-parcial, mas pela sua superação, através da incorporação dos "elementos sadios do bom senso", gerados nas práticas das diversas relações sociais, culturais, políticas, econômicas, etc.

Na construção de um saber social³ para a emancipação das classes dominadas, ocorre também uma negação do saber contaminada pela ideologia dominante que historicamente tem desprezado o "saber popular" enquanto saber válido. Neste sentido, a postura cientificista ou teorista que, no afã de legitimar a ideologia dominante, procura insistentemente desqualificar e menosprezar o saber social gestado nas práticas e experiências das classes oprimidas, não consegue apontar

3. A categoria Saber Social entendida como "conjunto de conhecimentos e habilidades, valores e atitudes que são produzidas pelas classes sociais em uma situação histórica dada de relações para dar conta dos seus interesses" (Grzybowski, 1986).

alternativas práticas que possibilitem a resolução dos problemas fundamentais vividos pelas classes trabalhadoras.

Vale, portanto, ressaltar, que a construção deste saber coletivo emancipatório não se dá ao acaso, a partir somente da experiência vivida de forma "espontânea". É necessário o saber produzido historicamente pela humanidade, quando grávido de uma visão totalizante, que, em processo de interação com o bom senso gestado no dia-a-dia das classes populares, possa gerar as consciências de classes⁴ necessárias para impulsionar os explorados na luta pela libertação de todos os homens.

A utilização do conceito consciências de classes, no plural, está vinculada à compreensão de que a totalidade é formada por muitas especificidades que se inter-relacionam. Esta pluralidade não se reduz às classes proletária e burguesa, como muitos "marxistas" de forma maniqueísta e ahistórica costumaram dividir a sociedade, estende-se ao conjunto dos subalternos que, em relações diversas, se interessam pelo fim do modo em que vivem e ou que produzem, ou seja, pelo fim do modo de produção que os subjugam a permanecer na desumanidade da alienação do trabalho. O desenvolvimento econômico do sistema capitalista e a conseqüente complexificação das relações levam-nos a afirmar que, embora correta a constatação de que as contradições fundamentais giram em torno do proletariado e da burguesia, é simplório enquadrar ou reduzir a análise da sociedade à uma divisão pré-estabelecida. Francisco de Oliveira é bastante feliz ao situar as classes sociais como categorias que se constroem historicamente: "... o caráter antagonístico dos interesses é a base da possibilidade de transformação e produção das classes". (Oliveira, F., 1987, p. 8).

Já em relação à categoria Consciência de Classe, sua explicação tem por base a análise e classificação da sociedade. Se, por um lado, o conhecimento do real é limitado pelos modelos analíticos que impossibilitam a compreensão do desenvolvimento da realidade e das classes sociais em luta, por outro, a interpretação, realizada historicamente pelos dirigentes políticos, da consciência que os "simplórios" têm ou possam vir a ter da sua situação, é marcada pelo idealismo do que se gostaria que fosse e não o que de fato é.

4. Gooldman, em Ciências Humanas e Filosofia; e Schaff e Lukács; sobre o Conceito de Consciência de Classe, nos fornecem elementos para uma maior compreensão das categorias Consciência Real e Consciência Possível.

Considerando a complexidade das relações e o desenvolvimento de diversas atividades econômicas que se complementam formando uma unidade na funcionalidade do modo de produção capitalista, envolvendo grupos sociais subalternos com características bastante diferentes, não é possível, dentre tantos explorados pelo capital, atribuir somente a uma classe, o proletariado, a possibilidade e o mérito de ter consciência do seu papel histórico. O pressuposto fundamental desta compreensão plural da consciência encontra-se no desenvolvimento capitalista e, particularmente, no dos países periféricos, que produz classes diversas, sobretudo no interior dos explorados, contribuindo assim, em cada uma delas, para a formação de uma "consciência real" com possibilidades de vir a ser "de classe".

Retornando a considerações anteriores, o que nos é dado a observar é que a passagem de uma consciência fragmentada para uma consciência totalizadora e revolucionária pode, em grande parte, ser realizada pelos intelectuais orgânicos, que se forjam na luta e em consonância com os interesses específicos e históricos das classes desfavorecidas. Os partidos ideologicamente identificados com os dominados podem ser estes intelectuais que, coletivamente, dirijam esta elevação da consciência de um estado real a um nível possível. Deve para isto ter a devida dimensão desta tarefa de construção de novos homens e de nova sociedade. Não pode fetichizar-se, nem procurar substituir o papel que é destinado a outros atores, ou seja, ao conjunto das classes oprimidas.⁵

A não compreensão desta questão tem culminado com muitos erros. A interpretação de consciência de classe com sendo somente uma "teoria" exterior às condições concretas de vida das grandes massas teve conseqüências funestas para o movimento comunista mundial, uma vez que na secundarização da consciência gestada na prática social das classes trabalhadoras pode-se encontrar o embrião de uma prática doutrinária, vanguardista e burocrática que tem marcado este movimento.

5. A falta de uma maior precisão na denominação das classes oprimidas, utilizamos, ao longo do texto, vocábulos de sentidos semelhantes, mas ainda imprecisos, quanto à classificação das classes. Desta forma, alteram-se conceitos tais como classes desfavorecidas, oprimidas, subalternas, exploradas etc. O texto de Eder Sader e M.^a Célia Paoli em "A Aventura Antropológica" é, neste sentido, bastante esclarecedor.

Está prática, implementada pelos movimentos que sempre tiveram como utopia uma sociedade sem dominação, deve ser objeto de nossa reflexão, uma vez que sendo também utópicos e pretensos sujeitos históricos somos também herdeiros desta prática e, portanto, passíveis de contradições nas ações concretas que realizamos no dia-a-dia.

Não se avança do ponto de vista prático e teórico se não se refletir coletivamente as concepções que balizaram estes movimentos. Não avançaremos nas nossas reflexões teórico-práticas se não nos despojarmos das práticas que nos impedem de ver os interesses históricos que perseguimos e o homem novo que queremos construir.

A constatação dos erros cometidos no transcorrer das lutas dos trabalhadores não deve nos levar a uma negação automática das experiências ocorridas, mas a uma superação dialética. Apesar dos equívocos táticos e estratégicos das organizações e partidos que estavam na direção destes movimentos, não se pode negar a importância que tiveram na resistência à exploração capitalista e na formação de homens que revolucionariamente lutaram pela construção do socialismo. Entretanto, se por um lado não se pode negar o papel que as organizações organicamente vinculadas às classes populares desenvolveram na educação dos trabalhadores, não podemos nos render, por outro lado, às concepções esquerdistas e ou reformistas que sempre as acompanharam.

Compreender a educação popular a partir das classes e dos interesses envolvidos não significa concebê-la a partir de modelos pré-estabelecidos, mas a partir de uma análise minuciosa e concreta da realidade concreta, captando as particularidades de desenvolvimento que envolvem realidades diferentes. Noutras palavras, significa entender a totalidade a partir da diversidade e das suas contradições.

O PAPEL DOS EDUCADORES NA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Cabe aos intelectuais o papel de mergulhar nas representações criadas pelo senso comum, compreender as manifestações culturais, populares, religiosas e políticas dos oprimidos, procurando captar toda forma de resistência à opressão ideológica, econômica e política, nas diversas expressões populares.

É necessário aos intelectuais orgânicos⁶ saber ouvir e sentir a comunicação reprimida. Os intelectuais a que me refiro não podem ser concebidos como iluminados portadores de teorias que se colocam acima da realidade e de uma intervenção que se proponha a transformá-la, mas como grupos organizados que independentemente da instância onde atuam, seja sindicato, igreja popular, partido, movimento de mulheres, associações de moradores etc, estejam cotidianamente refletindo sua prática enquanto "práxis" que objetive semear e construir uma sociedade justa e igualitária. Pois, só a partir de uma inserção na realidade e de um conhecimento e valorização do saber produzido e acumulado pelos oprimidos nas suas práticas sociais é que se pode construir um saber que lhes interesse e que seja efetivamente coletivo e revolucionário.

A construção do saber coletivo e a consciência revolucionária são conceitos que se identificam. Uma vez que a socialização e elaboração de um saber científico e não "cientifiquista", articulado, com uma prática transformadora, representa um instrumento fundamental no processo de destruição das falsas representações e de emancipação de todos os homens.

A construção deste saber coletivo somente será eficaz, enquanto instrumento de libertação dos homens, se constantemente refletido, se no processo educacional as classes oprimidas elevarem a sua percepção e aprenderem a pesquisar a realidade e agir por si mesmas. Talvez não seja demais lem-

6. Os intelectuais têm uma importância muito grande no pensamento marxista. Para Gramsci a categoria intelectuais orgânicos não pode ser concebida metafisicamente, desvinculada do desenvolvimento histórico da sociedade. A formação do novo bloco histórico, na sociedade burguesa, tem como sustentáculo a relação intelectuais-massa, que torne "politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos de intelectuais" (Gramsci; 1987; p. 20). Isto significa que o desenvolvimento cultural dos "simplórios" está na relação destes com intelectuais, pois a "massa humana" não se "distingue" e não se torna independente "por si", sem organizar-se (em sentido lato); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes" (Gramsci; 1978; p. 21). Dito isto e considerando o contexto histórico, entende-se por que Gramsci considera as organizações e os partidos revolucionários como intelectuais orgânicos possíveis de ser a "pedra-de-toque da unificação de teoria e prática" uma vez que para ele estes desempenham importante papel na "elaboração e difusão das concepções de mundo, na medida em que elaboram essencialmente a ética e política adequadas a ela" (Gramsci; 1978; p. 22).

brar que a transformação dos indivíduos em sujeitos históricos somente é possível dentro de uma perspectiva de classe.

É comum os educadores, após as muitas frustrações sofridas em experiências de educação popular, com relação às expectativas nutridas, atribuírem a falta de êxito à "metodologia" empregada, entendida aqui como um conjunto de recursos didáticos que se mostraram inadequados ao conteúdo proposto.

Este tipo de análise peca por considerar que a partir do uso de técnicas diferentes possivelmente se obteria resultados mais animadores e eficientes. Sem falar no fato de se cair numa redução dos determinantes do processo educativo, ao referir-se à relação forma e conteúdo. Estes podem desenvolver um importante papel na construção do conhecimento, se integrados dialeticamente. O conteúdo não pode ser concebido como algo acabado e previamente preparado. Mesmo que necessariamente planejado, ele se constrói e se gesta no processo de troca entre sujeitos que tiveram experiências diferentes.

Por isso, cabe àqueles que lutam por uma transformação da realidade apropriarem-se de um instrumento que lhes possibilite conhecê-la criticamente. Este instrumento a ser utilizado deve ter uma perspectiva metodológica e política radicalmente diferente das visões parciais e fragmentadas que muito interessam à ideologia das classes dominantes. A totalidade é um conceito básico que deve guiar nossa análise e nossa ação. Devemos esforçarmo-nos para compreender a realidade como "síntese de múltiplas determinações". A construção de um novo homem e de um novo mundo deve se dar no dia-a-dia dos militantes-educadores.⁷ A compreensão da realidade é um pressuposto que deve basear e acompanhar nossa ação, assim como a teoria revolucionária é a consequência natural de uma ação radicalmente refletida.

Daí, ser o real o ponto de partida para a construção de um conhecimento emancipatório. Isto significa que nós, militantes-educadores, que nos preocupamos com uma educação

7. A expressão militantes-educadores é utilizada com o propósito de ressaltar o conceito de educador para além da prática somente escolar. A ordem dos termos tem o intuito de dar a devida dimensão política à prática educativa, bem como evitar uma redução dos sujeitos históricos a profissionais da área de educação e, por último, evidenciar a prática política como prática social e educativa fundamental à transformação da sociedade.

libertadora, ao pensá-la e construí-la teoricamente, não conseguiremos fazer, se não tomarmos como ponto de partida a prática educativa dos movimentos sociais. Noutras palavras, a construção científica do conhecimento subentende um mergulho na essência da realidade imediata e aparente.

Este esforço de encontrar a raiz das práticas e experiências educativas das classes oprimidas constitui-se numa abstração necessária à construção de toda teoria revolucionária. Não podemos esquecer que esta teoria revolucionária depende da capacidade de refletirmos sobre a prática e de darmos respostas concretas às lutas desenvolvidas pelos movimentos sociais.

O fato de se ter uma correta análise estrutural e conjuntural da realidade brasileira não deve ser motivo de vaidade. Pois, embora fundamental, não é suficiente uma vez que a prática desenvolvida pode não estar contribuindo para uma aproximação do conjunto das classes desfavorecidas, mas para um maior distanciamento. Contudo, para a elaboração de teorias revolucionárias, precisa-se caminhar muito, precisa-se mergulhar nas diversas especificidades; ouvir-se mais as massas, pois muito tem-se a aprender com elas; refletir-se crítica e autocriticamente sobre a prática; e por conseguinte, socializar-se estas reflexões com o conjunto dos movimentos sociais. Portanto, não se pode conceber a passagem das lutas imediatas às lutas mediatas, ou das lutas econômicas às lutas políticas como uma imposição de uma "teoria" pré-estabelecida, mesmo que esta se denomine "marxista", nem como uma adesão automática da "falsa consciência" à "verdadeira consciência", como se nada existisse entre o bem e o mal, entretanto como um processo em que um novo saber se gesta a partir de experiências e práticas sociais diferentes, pois o pressuposto de toda teoria revolucionária de guiar uma ação e uma experiência qualitativamente superior e interessada na construção do socialismo somente é possível a partir da consideração dos saberes dos sujeitos envolvidos. Se assim não for, em vez de elaborarmos uma teoria revolucionária, estaremos elaborando algo apartado da realidade concreta das classes exploradas.

A construção de uma consciência crítica e revolucionária exige bastante rigor nas análises e muita determinação política nos objetivos. Deve-se aprender com os erros cometidos pelo movimento comunista e com as experiências históricas dos diversos movimentos sociais, para que cuidadosamente se

possa evitar as práticas e concepções indesejadas. Isto representa um esforço muito grande, uma vez que as idéias e práticas reproduzidas durante longo período de tempo tiveram e têm um peso na educação dos indivíduos engajados na construção de uma sociedade sem exploração. O stalinismo e a ideologia burguesa, além de influírem sobre o que a gente pensa, influíram também no jeito de ver e agir sobre as coisas. Devemos ser vigilantes constantes de nossa prática, para que não reproduzamos nela o sectarismo, o reformismo, o esquerdismo, o doutrinário, enfim todas as posturas resultantes das visões parciais e fragmentadas.

Por tudo isto, pensar e agir dialeticamente requer de nós, militantes-educadores, um esforço muito grande. Este esforço que se dá em nível do pensamento deve sempre como perspectiva uma visão globalizadora, que saiba dar conta das relações existentes entre os fatos e aponte uma práxis transformadora à altura desta visão. O entendimento que tenho deste esforço não é o de que seja uma propriedade individual de intelectuais preocupados com os problemas acadêmicos e resoluções "científicas", mas como sendo algo próprio do movimento social interessado na construção de relações sociais justas. A ciência da descoberta da verdadeira realidade deve estar inserida e ser gestada no interior deste movimento. A ciência, enquanto elaboração de teoria, deve, portanto, ter uma estreita vinculação com a práxis revolucionária.

BIBLIOGRAFIA

- DAMASCENO, Maria Nobre. *Pedagogia do engajamento: trabalho, prática educativa e consciência do campesinato*. Fortaleza: EUFC, 1990.
- GOOLDMAN, Lucien. *Ciências humanas e filosofia*. São Paulo: DIFEL, 1973.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRZYBOWSKI, Cândido. Esboço de uma alternativa para a educação no meio rural. *Revista Contexto e Educação*, n. 4. Ijuí. Fundação Universidade de Ijuí, 1984.
- LENINE, V. I. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos de dialética marxista*. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

- MARX, Karl e Friedrich Engels. *A ideologia alemã*. In: FERNANDES, Florestan (ORG.). *Marx-Engels: história*. São Paulo: Atica, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- OLIVEIRA, Francisco de. *O elo perdido: classe e identidade de classe*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PAOLI, Maria Célia e Eder Sader. Sobre "Classes Populares" no pensamento sociológico brasileiro. (Notas de leitura sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, Ruth (ORG.). *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- SCHAFF, Adam e Georg Lukács. *Sobre o conceito de consciência de classes*. Porto: Publicações Escorpião, 1978.
- TESSER, Ozir. Contribuição para o estudo da relação teoria-prática. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, n.º 13, EUFC, 1987.